

# Memória e deslocamentos em *Antes de nascer o mundo*, de Mia Couto

Adriana Gonçalves da Silva\* 

Cíntia da Silva Belonia\*\* 

Ana Clara Vieira\*\*\* 

## Introdução

O romance *Jesusalém* (Editorial Caminho, 2009), do escritor moçambicano Mia Couto, recebeu no Brasil o título de *Antes de nascer o mundo* (Companhia das Letras, 2009). O referido título da versão portuguesa corresponde ao espaço onde se passa a maior parte da narrativa, compreendendo duas das três subdivisões que compõem o romance. Refere-se a um espaço afastado de centros urbanos e povoações, escolhido pelo personagem Silvestre Vitalício para moradia após o falecimento de sua esposa, Dordalma. Nesse espaço, é realizada uma simbólica construção ficcional de uma nova pátria, onde poderiam “nascer novamente”.

A nomeação do local e o exercício imaginativo de construí-lo sob leis próprias escamoteiam a busca pelo esquecimento que está sendo realizada por Vitalício. Motivação confessada mais ao final da trama, ao revelar-se a causa do falecimento de Dordalma, bem como as implicações que o envolvem. Neste momento, revela-se também que, no desejo de “morar no esquecimento” (COUTO, 2009, p. 248) enunciado pelo personagem e mobilizador de toda vivência em Jesusalém, está incutido um desesperado estratagema para “viver longe da culpa” (COUTO, 2009, p. 248) do suicídio de sua esposa.

A recomposição dessa memória de um passado recente e latente no seio familiar é mobilizada pelo desejo do narrador Mwanito, o filho mais novo, de conhecer o seu passado e recuperar a imagem da mãe. Cada um dos três livros que estruturam o romance é subdividido em capítulos não numerados, apenas nomeados, pelos quais descobrimos, principalmente pelo olhar do jovem, as histórias relacionadas ao núcleo de personagens. Compõem esse núcleo: seu irmão mais velho Ntunzi, seu pai Silvestre Vitalício, seu tio Aproximado e o ex-soldado e agora empregado da família Zacaria Kalash. Além deles, faz-se presente uma jumenta, Jezibela, tratada pelo pai como praticamente humana.

---

\* Doutora em Estudos de Literatura pela Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, Rio de Janeiro, Brasil. Professora no Departamento de Letras na Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), Divinópolis, Minas Gerais, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9287-1000>. E-mail: [adriana.goncalves@uemg.br](mailto:adriana.goncalves@uemg.br)

\*\* Doutora em Estudos de Literatura pela Universidade Federal Fluminense (UFF), Niterói, Rio de Janeiro, Brasil. Professora no Departamento de Letras Vernáculas na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0825-0592>. E-mail: [cinthiabelonia@gmail.com](mailto:cinthiabelonia@gmail.com)

\*\*\* Mestranda do Programa de Pós-graduação em Linguagens do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG), Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. Bolsista de iniciação científica da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG), Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-5002-6178>. E-mail: [anaclaravieiraarcos@gmail.com](mailto:anaclaravieiraarcos@gmail.com)

Ao longo do LIVRO UM, “A humanidade”, inúmeras regras são criadas pelo personagem Silvestre Vitalício, que condiciona Jesusalém a viver um regime totalitário, no qual a voz autoritária do patriarca se sobrepõe aos demais. É neste primeiro livro que o leitor observa que o isolamento escolhido pelo pai é imposto aos filhos. No LIVRO DOIS, enquanto ainda residem em Jesusalém, surge a primeira personagem feminina da trama, a portuguesa Marta, que provoca uma série de desequilíbrios na ordem estabelecida por Silvestre Vitalício naquele território exclusivamente masculino. O impacto dessa presença influenciará a narrativa em grande escala, de forma que a titulação deste segundo livro se torna “A visita”. Chegamos então ao LIVRO TRÊS, justamente intitulado “Revelações e regressos”. Nele, o que ocorre antes da chegada da família de cinco homens a Jesusalém é revelado com auxílio da personagem Marta que entrou na trama no LIVRO DOIS. Neste terceiro livro, constatamos, desde a pluralidade de seu título, como a experiência do regresso, apesar de multifacetada aos personagens, possui em comum um caráter impossibilitador de plenitude, sendo essa a questão que mobiliza a presente pesquisa.

Nesse sentido, buscaremos formas de compreensão a respeito da incompletude do regresso dos dois irmãos do romance, Ntunzi e Mwanito. Tal recorte na obra foi estabelecido ao se perceber que uma das poucas relações que parece se manter — antes e depois do regresso — e é de grande importância para a construção da narrativa, está no afeto e proximidade entre os irmãos. Essa relação e o caráter diferencial entre as experiências que vivenciam juntos, mobilizam questionamentos.

Tomamos como hipótese que os exercícios de rememoração e de construção de memórias que os unem àquele espaço-país de Jesusalém não permitem a nenhum deles um regresso efetivo a Maputo. É também parte de nossa conjectura a observância de que essa impossibilidade de recuperar um tempo-espaço no microcosmo familiar é factível de ser alargada às discussões em torno da recuperação de um passado nacional.

O presente artigo está estruturado, portanto, em duas seções: na primeira, serão focalizados os personagens ainda em Jesusalém. Para tanto, pautar-nos-emos nas reflexões de Jeanne Marie Gagnebin em *Lembrar escrever esquecer* (2006) que discorrem sobre a memória e a sua íntima relação com o esquecimento, aspecto bastante observado na relação entre os irmãos antes do regresso. Também importam, nesta primeira seção, as contribuições de Vilém Flusser (2007) em “Habitar a casa na apatridade”, que problematiza questões quanto à pátria e habitação, para analisarmos as relações de pertencimento dos irmãos. A segunda seção focalizará os meandros do regresso, ancorada nas contribuições de Edward Said (2003) que, a partir de seu ensaio homônimo em *Reflexões sobre o exílio*, oferece pistas para compreensão da impossibilidade imposta na trama narrativa. Somam-se a essas reflexões as de Nazir Ahmed Can (2020) em *O campo literário moçambicano: tradução do espaço e formas de insílio*, que atesta a recorrência do *insílio*, ou seja, o exílio interno dos personagens, nas narrativas miacoutianas. Assim, analisaremos as dinâmicas da memória, dos deslocamentos e dos pertencimentos identitários construídas na obra.

## **Construindo refúgio: memórias e pertencimento em Jesusalém**

*Uma terra é nossa como uma pessoa nos pode  
pertencer: sem nunca dela tomarmos posse.*  
(COUTO, 2009, p. 138)

Edward Said (2003, p. 47), em *Reflexões sobre o exílio*, menciona que o século XX é a era dos sujeitos deslocados<sup>1</sup>. A obra de Mia Couto (2009), *Antes de nascer o mundo*, com seu tempo diegético situado nas décadas finais do referido século, apresenta o deslocamento situado em uma esfera traumática familiar, na qual subjaz às dinâmicas da descolonização. Dito isto, pode-se considerar que pelo menos dois deslocamentos funcionam como fio condutor da narrativa, que ocorre parte em Maputo, parte em Jerusalém, espaços que se fazem simultaneamente presentes no romance à medida que são rememorados pelos personagens.

O primeiro deslocamento no romance, apresentado ao leitor desde o LIVRO UM, acontece em contrafluxo à migração nacional ali também ficcionalizada: trata-se da saída da capital Maputo para o interior do país. A opção dos moçambicanos pela capital contrasta com a opção de Silvestre Vitalício, que se direciona ao espaço de conflito: “As pessoas estranhavam: por que motivo a nossa família se embrenhava no interior, onde a nação estava ardendo?” (COUTO, 2009, p. 19).

Ao longo dos dois primeiros livros da obra, são-nos dadas algumas pistas de que o autoinsílio vivenciado por Silvestre Vitalício é decorrente de sua responsabilização pela morte da esposa. Constatção que também ecoa ao leitor a partir do imaginário das crianças: “A verdade é só uma: o nosso velho está fugindo da justiça” (COUTO, 2009, p. 23, grifo do autor). Somente no LIVRO TRÊS, ao realizarem o segundo deslocamento do romance, o de regresso, tomamos conhecimento de que a culpa resulta da conduta negligente e violenta<sup>2</sup> que assumiu quando Dordalma foi vitimada por um estupro coletivo. A personagem ausente, sem voz, assolada pela profunda dor d’alma anunciada desde seu nome, será, no espectro da culpa, tanto propulsora deste afastamento do espaço natal (para Vitalício e Kalash), quanto ponto latente do desejo de regresso à casa (nutrido pelos filhos).

Pode-se perceber, desse modo, o quanto a memória da culpa está atrelada à escolha do isolamento em *Antes de nascer o mundo*. Nazir Ahmed Can, em *O campo literário moçambicano*, atesta que “o insílio, nos romances de Mia Couto, assume uma dupla e paradoxal função: de refúgio e de castigo” (CAN, 2020, p. 38, grifo do autor), evocando recorrentemente aspectos do coletivo em que se inserem. A opção do personagem suspende sua inserção no corpo social da trama e possibilita, portanto, a criação de uma outra sociedade possível, de um outro presente nacional.

Esse desejo de ruptura do pai é reforçado no cotidiano, quando afirma repetidamente aos filhos que “o mundo morreu, não resta nada para lá de Jerusalém” (COUTO, 2009, p. 33). O anseio do personagem se equipara, no universo extradiegético, ao desejo compartilhado de busca identitária de Moçambique no pós-independência. Jerusalém torna-se, portanto, um espaço ambivalente, de refúgio e de castigo:

<sup>1</sup> Em relação a uma percepção mais estrita do termo, ressalta-se o contraponto de Zygmunt Bauman (2017) em *Estranhos à nossa porta*, no qual argumenta que a migração sempre fez parte da humanidade sendo o discurso de um boom nas migrações no último século uma narrativa que está a serviço da construção do medo ao estrangeiro-invasor.

<sup>2</sup> Na ocasião, o ainda chamado Mateus Ventura vai buscá-la “quase sem vida” (COUTO, 2009, p. 243) no cair da noite, preocupando-se mais com os olhares da sociedade do que com a saúde física e mental da esposa. Ao chegar em casa, trata-a com rispidez e a esconde dos filhos, culpabilizando a vítima. O que sucede a tamanha falta de cuidado e empatia é o suicídio de Dordalma e o eterno remorso que passa a acompanhar o personagem.

refúgio pela busca de rompimento com as lembranças que atuam como espectros a atormentá-lo; castigo pelo alheamento promovido por essa escolha, isolando-o do presente da nação.

Com o intuito de vaticinar o cerceamento imposto, logo que adentram Jerusalém, “Silvestre preparou um ritual com pompa e circunstância. [...] *Agora, passemos à cerimônia do desbatismo*” (COUTO, 2009, p. 37, grifo do autor). O que se segue é a narração da mudança dos nomes dos personagens, excetuando Mwanito, pois “[e]ste ainda está nascendo” (COUTO, 2009, p. 38, grifo do autor). A respeito da dimensão de significados que essa cerimônia realizada por Silvestre possui, importa mencionar que o acréscimo do prefixo ao substantivo, “desbatismo”, comporta a compreensão de que existe em Jerusalém um tensionamento entre a manutenção da tradição e sua rasura.

Em igual medida, em Moçambique, é friccionada a busca por ocupar um espaço-identidade entre o estabelecimento de novos ritos que substituam e preencham as lacunas abertas na memória dos antepassados, do tempo pré-colonial, e a lógica cientificista presente no pós-independência, que alija práticas tradicionais por considerá-las um obscurantismo que ameaça a emancipação política do país. Não ao acaso, Silvestre Vitalício instaura uma série de proibições e condutas aos filhos, assim como a Kalash e Aproximado, estando estas majoritariamente relacionadas à supressão da memória: “Vou dizer uma coisa, nunca mais vou repetir: vocês não podem lembrar nem sonhar nada, meus filhos” (COUTO, 2009, p. 17).

Ressalta-se, junto às interdições da memória, que o silêncio se torna constante, sendo Mwanito “um afinador de silêncios” (COUTO, 2009, p. 14), de acordo com metáfora criada pelo pai. Victor Igreja, em “Memories as Weapons: The Politics of Peace and Silence in Post-Civil War”, argumenta que em Moçambique, a procura por institucionalizar um silêncio em relação ao passado colonial é defendida por muitos como forma de obliterar essa violência; enquanto que, sob outra perspectiva, perpetuar a memória seria a forma mais condizente para sanar as marcas do colonialismo.

Sintomaticamente, a tentativa de afastamento do passado no romance será constantemente frustrada, uma vez que a principal atividade dos filhos naquela residência quase inóspita era justamente a rememoração realizada pelo irmão mais velho: “Veze sem conta lhe pedia que me desse notícias desse universo que eu desconhecia e, de cada vez, ele se demorava em detalhes, cores e iluminações. Os seus olhos brilhavam, crescidos de sonhos. Ntunzi era o meu cinema” (COUTO, 2009, p. 53).

A partir das considerações da filósofa Jeanne Marie Gagnebin (2006) em sua obra *Lembrar escrever esquecer* destacamos o aspecto utópico da opção pela radicalização do esquecimento ou da recordação. Percebemos no romance o quanto esse ato de rememoração se configura como resistência, tornando-se importante para ressignificar o presente dos irmãos, porque “[a] rememoração também significa uma atenção precisa ao *presente* [...]. A fidelidade ao passado, não sendo um fim em si, visa à transformação do presente” (GAGNEBIN, 2006, p. 55, grifo da autora).

Às interdições da memória são acrescidas quaisquer manifestações que possam evocá-las, como o canto, o sonho, a reza, a leitura e a escrita. Dado o exposto, cabe trazer à tona novamente o trabalho de Gagnebin (2006, p. 45) que compara palavra a túmulo, uma vez que tanto o canto poético como a esteia funerária lutam para manter viva a memória, lutam contra o esquecimento. Por isso, Silvestre Vitalício proibia a palavra em seus diversos formatos para que, da vida anterior a Jerusalém, os filhos

não guardassem nenhuma memória, pois conforme a definição do narrador Mwanito “a escrita era uma ponte entre tempos passados e futuros” (COUTO, 2009, p. 42).

Mediante a impossibilidade de dissociação e de controle entre os processos do recordar e do esquecer, podemos compreender o quanto Jesusalém se assemelhava a um espaço sob as égides de um governo autoritário realizado por Silvestre Vitalício. As lembranças com as quais Ntunzi e Mwanito se nutriam eram compartilhadas às escondidas em uma atitude contraventora geradora de novas memórias que tornavam possível, por conseguinte, a permanência e construção do pertencimento a Jesusalém.

Ntunzi desafiava a autoridade paterna imitando mulheres e narrando ao irmão mais novo como eram sua mãe e a vida em Maputo. Mwanito, por sua vez, alimentava seu anseio por memórias tomadas “de empréstimo” (COUTO, 2009, p. 72) pelas descrições do mais velho. O fato é que ambos, cada um a seu modo, se conectam a memórias que evocam a vida anterior a Jesusalém. Esses momentos na trama reforçam a cumplicidade dos irmãos e nos trazem indícios de como se afigura a relação de pertencimento que possuíam àquela terra que habitavam. Desde o início da narrativa, Mwanito revela a insatisfação do irmão com a vida ali: “Meu irmão Ntunzi vivia num só sonho: escapar de Jesusalém” (COUTO, 2009, p. 53). É possível, portanto, perceber como, para ele, o ato de recordar é fundamental para a sobrevivência em Jesusalém.

E, se a memória cumpre papel crucial para Ntunzi resistir naquele *insílio*, para o irmão, a narração e, de certa forma, a apropriação dessas memórias também exercem uma importante função. Michael Pollak, sociólogo e historiador austríaco, teoriza que existe “uma permanente interação entre o vivido e o aprendido, o vivido e o transmitido” (POLLAK, 1989, p. 8). Assim, ao interagir com todas aquelas descrições do irmão, Mwanito as conecta à sua vivência em Jesusalém. Ao estabelecer tal conexão entre um passado desconhecido — que é resgatado pelo irmão — e o presente, Mwanito vai construindo sua própria identidade.

“O mito gera a identidade” (GAGNEBIN, 2006, p. 67); portanto, se a memória preenche, para Ntunzi a falta da vida que possuía antes daquele *insílio*, para Mwanito a narração do irmão preenche a lacuna de sua própria identidade, de quem ele era, de seu passado que não lhe foi transmitido pelo pai, de sua origem, de sua mãe, de sua primeira infância. E, embora Mwanito afirmasse sofrer menos que o irmão por não guardar memórias, “Quem viveu pregado a um só chão não sabe sonhar com outros lugares” (COUTO, 2009, p. 24), ele sofre pela falta de conhecimento de sua história. A identidade de Mwanito constrói-se na tensão entre a ficção do passado e a vivência do presente, sendo mais “filho de Jesusalém” que seu irmão.

Vilém Flusser, em “Habitar a casa na apatridade”, ao discutir o conceito de apatridade, reflete o quanto a ideia de pátria, de moradia, é primordial ao ser humano: “Sem habitação eu estaria inconsciente, e isso significa que sem habitação, propriamente, eu não seria. Morar é o modo como eu me encontro, em primeiro lugar, no mundo, e isso é elementar” (FLUSSER, 2007, p. 233). Se Jesusalém foi, portanto, a primeira moradia que Mwanito pôde ter memória, ele se sente pertencido àquela coutada deserta; ao contrário deste, porém, Ntunzi sofre com a sensação de expatriamento na própria pátria: “Pois fique sabendo: nós não saímos do mundo, fomos expatriados como um espinho que é expulso pelo corpo” (COUTO, 2009, p. 26, grifo do autor).

A questão do pertencimento, como visto, difere entre os dois irmãos. Pela diferença de idade, a experiência do irmão mais velho é permeada por memórias que o trazem saudades, faltas, sonhos e sofrimentos que são menos acentuadas na vivência do irmão mais novo. Contudo, ao compartilhar as memórias com o irmão, estas perpassam a trajetória dos dois de forma complementar. Tal afirmação é necessária para não mistificarmos a existência de uma memória totalizante, ou seja, não cabe dicotomizar os irmãos exatamente entre quem lembra totalmente e quem não lembra nada; as memórias de Ntunzi são permeadas de esquecimento e são reconstruídas em conjunto com o irmão à medida que são narradas.

Evidência dessa simbiose entre memória e esquecimento construída em conjunto pelos irmãos é que, a certa altura da narrativa, Ntunzi revela que não se lembrava da mãe. Embora tal revelação possa parecer incongruente à primeira vista, após terem sido narradas várias imitações da mãe por ele, que tanto lembrava, como observava Mwanito. Uma compreensão desse processo é possível a partir da perspectiva de Gagnebin (2006, p. 44) que considera a memória como território permeado pelo esquecimento, um terreno movediço e frágil, porque “vive essa tensão entre a presença e a ausência”. Inferimos, portanto, o quanto é natural que as representações de Ntunzi sejam fragmentadas e tenham seus lapsos completados para a transmissão ao irmão. É por isso que Ntunzi, mesmo não se lembrando da imagem da mãe, ainda assim a imita na frente do irmão mais novo; eis a participação do presente no passado, teorizada por Gagnebin (2006).

Mas Ntunzi não construía essas memórias apenas para o irmão; ele as reforçava e recriava para si. Por outro lado, Mwanito também as construía dentro de si a partir dos fragmentos dados pelo irmão. Há um regime de retroalimentação e cocriação nessa relação. Quando Mwanito afirma ao pai que conhece a voz de Dordalma, sem lembrar dela, é possível que tenha uma representação da voz materna criada em sua mente a partir das narrações do irmão, uma vez que era essa a única forma de acesso consciente à figura da mãe, de quem havia se separado aos três anos.

E, nesse exercício, Mwanito entra numa espécie de contato com um tempo que não se recorda, um passado mítico, como ele mesmo explica: “tempos que, em mim, nunca chegaram a existir” (COUTO, 2009, p. 42). Não podemos deixar de perceber que o desconhecimento desse passado pelo narrador dialoga com o desconhecimento do passado moçambicano por toda uma geração nascida no pós-independência, que acessa as memórias do passado colonial a partir das narrativas das gerações que a antecederam. Nas palavras de Beatriz Sarlo (2007, p. 25), em *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*, “[a] narração também funda uma temporalidade, que a cada repetição e a cada variante torna a se atualizar”. Percebe-se aqui uma espécie de imbricação constituinte entre história e memória. Nascido em 1975, Mwanito representa toda essa geração.<sup>3</sup>

Tempos que não chegaram a existir, porém, que são instaurados em seu ser, em sua identidade, a partir das memórias resgatadas pelo irmão. Como se Ntunzi lhe inscrevesse certa consciência,

<sup>3</sup> É possível inferir que o personagem nasce em 1975 a partir dos indícios da narrativa. Quando Tio Aproximado notifica a morte do presidente de Moçambique relatando como causa um acidente, relacionamos tal ocorrência à morte do presidente Samora Machel, em 1986. Neste momento da narrativa, Mwanito estava com 11 anos.

transportando-o para seu próprio passado: “Nunca disse a Ntunzi, mas tinha, na altura, a impressão de que não aprendia com ele. A minha verdadeira professora era Dordalma [...] A escrita me devolveia o rosto perdido de minha mãe” (COUTO, 2009, p. 42). Essa conexão, promovida pelas lembranças do irmão mais velho, pode ser compreendida a partir da noção que Nazir Can (2020, p. 35) chama de “correlação entre as práticas sociais dos escritores e as respostas que suas obras procuram oferecer, no campo das representações”.

Em outros termos, a escrita surge como possibilitadora da elaboração do passado colonial, exercício problematizado adiante no romance com a carta da portuguesa Marta, responsável por recuperar parte destas memórias. A memória como campo de disputa é ficcionalizada no enredo, com narrativas diversas, seja de Ntunzi, seja do Tio Aproximado, ou das breves referências de Noci, mas em nenhuma delas o tensionamento se torna tão latente como na carta realizada por essa mulher, que gera, nutre e lega o passado pelo gesto da escrita.

Sendo assim, percebemos em diversas passagens da narrativa de Mia Couto a presença de um microcosmo que pode ser alargado para aspectos históricos. O próprio ato insistente dos irmãos de rememoração do passado, proibido pelo pai, pode ser compreendido como uma fissura na política do silenciamento, em que a memória da guerra é confiscada. A vivência da guerra civil aparece na obra por meio do *insílio* como forma de resistência e de revolta diante dos ideais utópicos não alcançados.

## Dois irmãos e duas experiências de regresso

*Vamos para casa, maninho, nem acredito...*  
(COUTO, 2009, p. 217).

O segundo deslocamento da obra insere-se na dinâmica do retorno e ocorre no LIVRO TRÊS, *Revelações e regressos*, com o surgimento da necessidade de saída de Jerusalém. O estratagema narrativo para a mudança de direção se dá com Silvestre Vitalício picado por uma cobra enquanto velava a jumenta Jezibela ao longo da noite. A narração apresenta uma série de simbologias imersas em um discurso que faz com que o leitor duvide do episódio, ficando entre a imaginação e a realidade: “E explicou-se: aquela cobra não era senão o Tempo. Durante anos ele tinha resistido contra os arremedos da serpente. Esta noite cedera, desistido.” (COUTO, 2009, p. 211).

O regresso emergencial à capital apresentará desdobramentos diversos aos personagens, sendo passível de verificarmos que a efetivação do retorno realizado geograficamente não ocorre por razões distintas. Começamos, de imediato, pela alegria de Ntunzi, citada em nossa epígrafe, que não é menor que a ansiedade que o acompanhou durante toda a narrativa dos dois primeiros livros, nos quais permaneceu sua insatisfação com o isolamento forçado pelo pai. Embora as circunstâncias que os levaram à partida não fossem as mais agradáveis, aquela era a hora mais esperada pelo personagem que, como já afirmado na seção anterior, guardava certa recordação da vida antes daquela coudada.

De outro lado, a notícia do regresso parece acometer Mwanito com uma espécie de confusão, um não saber o que fazer perante o que lhe acontecia: algo tão novo e desconhecido; como ele expressa,

“sentimentos impuros, misturando felicidade com nostalgia” (COUTO, 2009, p. 217). Ao analisarmos sua percepção e sua conduta na preparação para a saída, notamos certo desarranjo em seus atos, evidenciando uma ausência de sentido quanto àquela realidade. Ao contrário do irmão mais velho, que decide rapidamente e com precisão o que levar, “*Levo só o mapa. O resto deixo*” (COUTO, 2009, p. 216, grifo do autor), Mwanito parece não estar preparado para a situação do regresso a Maputo; não era algo planejado, ou premeditado e ensaiado como Ntunzi. Este tinha a mala arrumada há tempos e havia anteriormente até mesmo tentado uma partida, ou melhor, uma fuga.

As duas reações distintas parecem friccionar o pertencimento a Jerusalém, oscilando o espaço entre habitação e pátria (FLUSSER, 2007) entre os dois irmãos, relação que se apresenta em um espelho invertido quando se direciona a Maputo. Mas não é apenas a partida que é vivida de forma diferente pelos irmãos; suas vidas após a mudança geográfica também tomarão rumos distintos. Se o processo de rememoração em Jerusalém havia se dado de forma tão conjunta pelos irmãos, ambos praticamente construindo a memória um do outro, a partir do retorno à cidade, fatores distintivos da relação com o passado são apresentados.

“Ao contemplar a fachada, confirmei que nada ali ressoava em mim. O mesmo parecia acontecer com Silvestre Vitalício” (COUTO, 2009, p. 221). Tal constatação de Mwanito corrobora a conceituação de Said do exílio como perda terminal, uma “perda de algo deixado para trás para sempre” (SAID, 2003, p. 46). Segundo o teórico, a condição de exílio configura uma “fratura incurável”, de modo que jamais o exilado conseguirá regressar ao seu lar, uma vez que, nem o exilado nem o lar — entendido em dimensão mais alargada, como cidade, país ou localidade — seriam os mesmos.

Logo que o pai se recupera da mítica e simbólica picada da víbora, a narrativa nos permite compreender o cotidiano da família nesta retomada do espaço natal. Quando, no segundo dia na cidade, Mwanito é incumbido de cuidar do pai, que lhe indaga: “*Por que não faz como Ntunzi, que ainda não parou em casa, saltitando por aí? / Eu não sei andar... não sei andar por aí*” (COUTO, 2009, p. 225, grifo do autor). Assim, percebemos como o irmão mais novo se sente realocado num lugar completamente desconhecido, e o quanto o irmão mais velho faz jus à sua ansiosa espera por sair de Jerusalém.

Depois de todos os anos do *insílio* em Jerusalém, o mundo lá fora, extenuantemente negado por Silvestre Vitalício aos filhos, existia e não era o mesmo de quando a família o tinha deixado. Quem mais demonstra essa diferença entre os mundos anteriores e posteriores a Jerusalém é, provavelmente, o próprio realizador da cisão, o patriarca. Agora, não era mais o ditador Silvestre Vitalício que imperava no seu próprio país Jerusalém, tampouco era o Mateus Ventura que vivera outrora em meio à cidade-capital. Dessa forma, tinha-se perdido de modo definitivo o homem que vivera naquela mesma cidade e naquela mesma casa antes da decisão de mudança para a coutada. Na concepção de Mwanito, o pai sofria de uma doença, “um encaroçamento do passado, uma maleita feita de tempo” (COUTO, 2009, p. 256).

No decorrer da narrativa do regresso de Silvestre Vitalício, percebe-se o quanto aquele exílio configurava-se como um *insílio*, também metaforicamente, pela perspectiva de um refúgio de/em si mesmo. Se em Jerusalém ele buscava o silêncio em Mwanito, ao chegar na cidade, silencia-se cada vez mais, até não emitir nenhum som, sendo compreendido apenas pelo filho. Nas palavras de Can (2020, p. 36), “um dos traços do *insílio* é o silêncio. Ou, quando muito, um discurso traduzido, malversado, revisto

ao extremo para que não se revele as pegadas de seu fundamento original”; a condição de Silvestre pode ser atrelada em vários aspectos a essa afirmação. Seu silenciamento configura um sintoma do *insílio*, não seria a cidade que o levaria de volta para casa.

Também é perdida de modo terminal a possibilidade de retorno para os dois irmãos. Quanto mais o tempo passa na cidade, menos um verdadeiro regresso se efetiva, pois, conforme elucida Said (2003, p. 52), o deslocado tem a necessidade de “reconstruir uma identidade a partir de refrações e descontinuidades”. Ao contrário do que imaginava Mwanito, não é apenas ele que não vive uma feliz ‘volta ao aconchego’. Seu irmão, que aparentemente levava a vida que, em Jesusalém, sempre dominava seus anseios, não tira proveito dela por muito tempo.

É sem muitas explicações da parte de Zacaria Kalash que este retira Ntunzi de Maputo após a revelação de ser seu pai biológico, interditando a permanência de seu regresso, sua volta para a casa de suas memórias: “*Leve esta mochila para o quarto e faça a sua trouxa. [...] Vai comigo para Jesusalém*” (COUTO, 2009, p. 235, grifo do autor). Dentre os irmãos, o regresso que mais se esperava por se concretizar na narrativa é o de Ntunzi. Ironicamente, ele retorna a Jesusalém, não seguindo a vida que na cidade abandonara quando criança; a fratura incurável de seu *insílio* manifesta-se de forma mais latente e concreta, e a sua vida anterior a Jesusalém fica definitivamente para trás.

De forma distinta do irmão, Mwanito não estava, de fato, voltando para casa, pois esta havia sido, desde que tem lembrança, o espaço criado pelo pai: “O único lar que tivera foram as ruínas de Jesusalém” (COUTO, 2009, p. 220). Mwanito é o único na família que não vivencia Jesusalém plenamente como um *insílio*, ele não experiêcia uma mudança de mundo nem reconhece outros padrões, embora sempre saiba que nasceu do “lado de lá”. Em Jesusalém estavam todas as suas memórias.

Todas as memórias elaboradas pelo irmão, conforme explicitam Gagnebin (2006) e Said (2003), constituíram a identidade de Mwanito. Foi a partir dessas refrações, desses relances de iluminação de seu desconhecido passado, que sua identidade se construiu. Em Jesusalém estava sua concepção de pertencimento à terra, pois, ao contrário do irmão, do pai e do tio, ele não havia perdido nenhuma pátria da qual permanecesse conectado por meio de inúmeros fios (FLUSSER, 2007, p. 223): “Confesso: por mais que eu fizesse esforço continuava estranhando a casa onde havia nascido. Nenhum quarto, nenhum objeto me trouxe lembranças dos meus primeiros anos de vida” (COUTO, 2009, p. 221).

Por isso, também para Mwanito o retorno não se concretiza. Afinal, como regressar para onde nunca se esteve à luz da consciência? Mwanito chega à conclusão de que sofre da mesma doença que Silvestre Vitalício: “*Lembra como eu, ontem, o recebi, frio e distante? [...] É que eu sofro da doença do pai*” (COUTO, 2009, p. 275, grifo do autor); o que o torna cada vez mais alheio aos vínculos sociais que o permeiam.

Em Maputo, ele não sai de casa, na escola os amigos se afastam, e o aspecto mais crucial é que o jovem parece gostar da situação de alheamento: “Essa exclusão de todos me trouxe, confesso, um contentamento. Como se secretamente quisesse regressar à solidão” (COUTO, 2009, p. 256). Ele resgata hábitos do passado em Jesusalém, e a principal ocupação dos seus dias passa a ser o cuidado dedicado ao pai. “De regresso a casa, passei a saudar o meu pai ao modo antigo, consoante os mandos de Jesusalém: — *Já posso dormir, pai. Já abracei a terra*” (COUTO, 2009, p. 256, grifo do autor)

O silêncio tão buscado por Silvestre Vitalício em Mwanito une pai e filho nesta nova e estranha realidade para ambos. Dedicando-se inteiramente a cuidar do pai, cada vez mais dependente e inacessível, “[a] cidade o roubara de si próprio” (COUTO, 2009, p. 231), Mwanito não regressa; pelo contrário, conhece uma vida completamente diferente de tudo que se lembrava até então: “todos naquele grupo, estavam de regresso. Eu não” (COUTO, 2009, p. 220). Essa vida poderia ser ironicamente comparada a um exílio (SAID, 2003) ou a um *insílio* (CAN, 2020), pois Mwanito não se desvincula efetivamente de Jerusalém.

Sua falta de relações com pessoas e com o novo lugar ecoa as ponderações acerca da “fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o eu e seu verdadeiro lar. [Assim,] Sua tristeza essencial jamais pode ser superada” (SAID, 2003, p. 46). É isto o que acomete Mwanito em Maputo: uma tristeza jamais superada. Ao se enclausurar do mundo, assim como o pai se fecha em silêncio, “*O dormir é o viver dele*” (COUTO, 2009, p. 273, grifo do autor). Mwanito experiencia um verdadeiro exílio fora do país criado por Silvestre. O próprio pai prenuncia tal fato ao afirmar que “*aquela é a sua terra, a sua condenação*” (COUTO, 2009, p. 225, grifo do autor).

Como Mwanito, que passou boa parte da vida afinando silêncios e teve sua identidade moldada por aquela condição que lhe fora imposta, as retratações literárias de *Antes de nascer o mundo* não deixam de vincularem-se ao que se passava com a pátria em decorrência dos processos coloniais, que deixaram fraturas incuráveis, sobre as quais a produção artística versa de forma tão singular. Todos os esforços de rememoração dos dois irmãos figuram no campo da resistência, como necessidade de rememorar e resgatar um passado que é história e parte de um povo que luta por sua identidade apesar da colonização:

Mia Couto deposita o seu grande projeto literário, o projeto da moçambicanidade, o desvendamento da identidade de um país esquecido de si devido aos mecanismos impostos pelo curso da História, pelo colonialismo, pela primeira e segunda guerras coloniais, a tentativa de despertá-lo do desatento abandono de si (TUTIKIAN, 2006, p. 60 *apud* ZANUTIM, 2016, p. 23).

De fato, as raízes do jovem Mwanito também foram construídas na coutada, e, enquanto aquela terra distante de toda povoação configurava uma expatriação para todos ali, Jerusalém se torna a pátria que Mwanito sofreu ao perder (FLUSSER, 2007). Talvez a veemência de Silvestre Vitalício ao afirmar aos filhos que o mundo todo tinha acabado, e só restava Jerusalém, tenha feito realmente sentido para o mais novo. Apenas aquele foi o seu mundo possível; a cidade não lhe serve de mundo: lá ele vive alheio e despertencido: “Eu nascera na morada que agora ocupávamos, mas não era esta a minha casa, não era aqui que o sono me descia com doçura” (COUTO, 2009, p. 227).

Assim, o regresso não se efetiva para nenhum deles, tensionando e até mesmo negando o título da terceira parte do romance (“Revelações e regressos”). O mais novo, filho de Jerusalém, não tem para onde regressar, e o mais velho, apesar do reconhecimento de Silvestre como filho legítimo, não poderia deixar de seguir os passos de seu pai biológico. As “revelações” que lhe aguardavam demonstraram que a vida que o esperava não era a mesma que foi obrigado a deixar quando criança e que, em Jerusalém, tanto sonhava em reconquistar.

## Considerações finais

O romance *Antes de nascer o mundo* constrói uma série de paradoxos que imbricam a tríade do deslocamento, do pertencimento e da memória. Se, por um lado, a narrativa se constrói a partir do desejo utópico de Silvestre Vitalício em esquecer o passado que parece pronto para emergir em Jerusalém a qualquer momento, ao retomar o espaço originário, percebemos que seus objetivos de mudar não só o nome, mas toda uma vivência de seus familiares foram, em certa medida, alcançados. De fato, ao retornar à cidade, não foram o Mateus Ventura nem o Olindo Ventura (nomes verdadeiros do patriarca e de Ntunzi) de outrora que voltaram. Talvez a troca de nomes anunciada na cerimônia de desbatismo seja uma espécie de simbologia que conduz toda a narrativa, sendo o que ocorre com a inalteração do nome de Mwanito, o que sugere sua vivência naquele *insílio* desconectada da dicotomia dos demais.

No retorno, Ntunzi busca retomar o lugar de suas memórias, da criança que vivera na cidade com a mãe, o pai e o irmão mais novo, mas a revelação de seu verdadeiro pai biológico, Zacaria Kalash, insere uma nova camada identitária ao personagem que retoma seu nome de batismo. Se a Maputo regressa com o nome de Ntunzi, tendo em seu passado sido Olindo Ventura, seu retorno a Jerusalém inverte esses polos deslocando-o mais uma vez em relação a seu pertencimento, a partir de suas memórias. Tendo seu passado em Jerusalém costurado sob a alcunha de Ntunzi, agora será também um Outro que regressa a este espaço.

Distintamente, o irmão mais novo não vivencia nenhuma troca de nomes, entretanto, de forma semelhante, não realiza qualquer espécie de regresso ao passar a viver na cidade. Como o pai havia constatado, o nascimento de Mwanito ocorreu em Jerusalém. Apesar da curiosidade acerca de seu passado, é àquelas terras de *insílio* que ele se sentira pertencido; seu nascimento enquanto indivíduo consciente e dotado de identidade havia sido naquela pátria. Por isso, seria impossível para ele regressar a qualquer lugar, se apenas de Jerusalém tinha lembranças. Em outros termos, é nesse referido regresso a um espaço no qual não construiu verdadeiramente pertencimento que ele vivencia experiência similar à da família em Jerusalém, ocorrendo a fratura incurável a Mwanito.

A todos personagens se impõe a impossibilidade de plenitude do regresso pelos mecanismos da memória, igualando-os ao final do romance, a sujeitos fraturados que atestam a máxima de Said (2003) sobre a impossibilidade de retomada deste espaço. A recuperação física do território não é suficiente para a reconstrução do sentido de pertencimento aos personagens, que passam a habitar simultaneamente dois espaços-tempos distintos: o do lado de lá e o do lado de cá, independentemente de onde estejam.

## Referências

BAUMAN, Zygmunt. *Estranhos à nossa porta*. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Zahar, Rio de Janeiro, 2017.

CAN, Nazir Ahmed. *O campo literário moçambicano: tradução do espaço e formas de insílio*. São Paulo: Kapulana, 2020.

COUTO, Mia. *Antes de nascer o mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

FLUSSER, Vilém. Habitar a casa na apatridade. In: FLUSSER, Vilém. *Bodenlos: uma autobiografia filosófica*. Revisão técnica: Gustavo Bernardo. São Paulo: Annablume, 2007. p. 221-236.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Ed. 34, 2006.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

SAID, Edward W. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

ZANUTIM, Lorraine. *As doses da literatura pós-colonial moçambicana: um olhar sobre a linguagem, a representação e o trágico em Venenos de Deus, Remédios do diabo*, de Mia Couto. 2016. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) - Instituto de Letras, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/17771/1/DosesLiteraturaPosColonial.pdf>. Acesso em: 4 nov. 2023.

Recebido em 17 de novembro de 2025.

Aprovado em 17 de dezembro de 2025.

## Resumo/Abstract

### Memória e deslocamentos em *Antes de nascer o mundo*, de Mia Couto

Adriana Gonçalves da Silva, Cíntia da Silva Belonia e Ana Clara Vieira

O romance *Antes de nascer o mundo* (2009), do moçambicano Mia Couto, narra o deslocamento da família do narrador Mwanito, de Maputo para Jerusalém, em plena guerra civil. Em um espaço construído pelo imaginário do patriarca como uma nova nação, Mwanito e Ntunzi constroem um pertencimento (FLUSSER, 2007) fraturado neste *insílio* (CAN, 2020). Este artigo buscou atestar que, a despeito do regresso geográfico realizado ao final do romance, a memória (GAGNEBIN, 2006; POLLAK, 1989; SARLO, 2007) atua como fator crucial para relativizarmos a plenitude deste retorno.

**Palavras-chave:** deslocamentos, memória, romance moçambicano.

### Memory and displacement in *The Tuner of Silences*, by Mia Couto

Adriana Gonçalves da Silva, Cíntia da Silva Belonia and Ana Clara Vieira

The novel *The Tuner of Silences* (2009), by Mozambican author Mia Couto, narrates the displacement of the narrator Mwanito's family from Maputo to Jerusalém during the civil war. In a place constructed by

the patriarch's imagination as a new nation, Mwanito and Ntunzi build a sense of belonging (FLUSSER, 2007) fractured in this exile (CAN, 2020). This paper sought to demonstrate that, despite the geographical return undertaken at the end of the novel, memory (GAGNEBIN, 2006; POLLAK, 1989; SARLO, 2007) acts as a crucial factor in relativizing the fullness of such return.

**Keywords:** displacement, memory, Mozambican novel.